



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O ROMÂNICO NO CONCELHO DE GUIMARÃES. III-IV IGREJAS DE S. CIPRIANO DE TABOADELO E SANTA EULÁLIA DE PENTIEIROS.

PINA, Luís de

Ano: 1928 | Número: 38

Como citar este documento:

PINA, Luís de, O Românico no concelho de Guimarães. III-IV Igrejas de S. Cipriano de Taboadelo e Santa Eulália de Pentieiros. *Revista de Guimarães*, 38 (3-4) Jul.-Dez. 1928, p. 153-162.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Românico no concelho de Guimarães

III — IV

Igrejas de S. Cipriano de Taboadelo e Santa Eulália de Pentieiros

Das 28 igrejas que visitei neste corrido verão de 1928, a mor parte a sul da cidade de Guimarães, entre os rios Selho e Vizela, reconheci em 11 a feição românica, quer em bastantes características, quer sòmente em alguns detalhes, por vezes muito pobres.

De tôdas me ficou uma impressão de chocante singeleza, de comovente indigência architectónica, salvo das paroquiais de *S. Martinho de Candoso*, *S. Torquato Velho*, *S. Miguel de Serzedo*, *S. Salvador do Souto*, pondo bem em relêvo a preciosa *Santa Cristina de Serzedelo*. Nestes, sim, alguma coisa se topa de jeito, como em própria inarê heide dizer.

Para visitar, restam-me dois terços das freguesias do concelho, se a graça de Dêus me der tempo e saúde; mas não julgo ir encontrar mais do que já tenho arquivado naquele primeiro roteiro.

Dos 11 monumentos que registei, cabe agora a vez às pequenas, humílimas, evocativas, mas abandonadas igrejas de *S. Cipriano de Taboadelo* e *Santa Eulália de Pentieiros*.

Devo notar desde já as seguintes particularidades das ermidas levantadas em tórno da serra da Penha: campanários, pórticos principais, modilhões, pias de

água benta e baptismais. Todos estes elementos arquitecturais se assemelham, parecendo tôdas as igrejas nascidas de um padrão. Qual êle seja, só no remate desta colectânea o poderá descortinar fâcilmente, sem ajuda de apontador, quem tiver a santa pachorra de ler estas ninharias.

S. Cipriano de Taboadelo

Nos documentos medievos se pode abrir uma nesga na história desta igreja. Parece que, algumas vezes, sob a denominação de *Taboadelo* se entendeu, quer esta freguesia, quer a de *Santa Eulália de Pentieiros*.

Respeitante a *S. Cipriano*, lê-se o seguinte, num documento do séc. X (950) que trata de uma composição entre a Condessa Mumadona e seus filhos, no tocante a partilhas: «*Euenit in portione Nuno chauliones cum adiuntionibus suis Fenali equo sancto cipriano cum abiacentiis suis...*»⁽¹⁾.

Outro documento ainda do séc. X (959), o famoso testamento daquela mesma Condessa, diz, a respeito das doações ao seu mosteiro: «*villa nesperaria cum omnia que ab ea pertinet que commutauit cum filio meo Gundisaluo pro quo accepit ex me villa de sancto cipriano que erat de colmellos eundem Nuni filii mei*»⁽²⁾.

Na «*Kartula*» de Moreira de Monte Longo e outros Mandamentos, datada de Nona die X^a VIII^o Kalendas Septembris, Era M^aL^aII^a (1014 de J. C.), vem citado, entre as doações do rei Ramiro II de Leão ao mosteiro de Guimarães, o «*mandamento de Tauoatello cum Auezani et colgeses et ribulo de molinos sicut diuidit eum terminus calidarum...*»⁽³⁾.

(1) «*Vimaranis Monvmenta Historica*» — colig. por Oliveira Guimarães, Abade de Tágilde. Doc. VI.

(2) Idem. Idem. Doc. IX.

(3) Idem. Idem. Doc. XXIV.

Mas em 1045, na «Karta» de Taboadelo, Calvos e S. Cipriano, diz-se: «*concedo pro anima mea et pro de coningia mea gunterode villa desuper uocitata que est in mandato de tauoadelo fundata integra per suis terminis et locis antiquis et cum suis suis (sic) adiuntionibus et cum ecclesia uocabulo sancti cipriano et cum.....*» (1).

A respectiva vila de Taboadelo tem, à parte, a sua pequena história; sofreu vicissitudes, empurrada para vários destinos; alguma coisa se pode colhêr no documento agora indicado. O Prof. João de Meira já o deixou traduzido em resumo, e são suas as palavras que aqui deixo: «*Durante a vida do Conde Gonçalo Mendes, filho de Ermegildo e Mumadona, foi êste, ao que parece, o defensor e protector do Mosteiro. Pelo menos foi-o contra Gondisaluo Muniuz; e em recebeu a vila de Tavoadelo que por sua morte reverteu ao mosteiro. Depois d'êle morto, Ordonio Rauemiriz e sua mulher D. Gelvira, vindo ao território portugualense, apoderaram-se por violência da vila que entregaram a sua filha Mumadona Ordoniz e seu genro Ferdenandus Gondemariz. Este, porém, sabendo que lhe não pertencia de direito e temendo ver-se desaposado dela, vendeu-a a Ermegildo Menendus Fuliens e a sua mulher Gunterode Ordoniz que muitos anos a tiveram e afinal a doaram ao mosteiro de Guimarães em 1045*» (2). A «Karta» dêste ano acima citada encerra esta doação feita em 11^o Kalendas Aprilis.

Esta mesma igreja se encontra mencionada em 1059, no precioso «*inventario de omnes hereditates siue et ecclesias de Vimaranes*», mandado fazer pelo Rei Fernando e rainha Pancha, de Leão, «*in terram portugalem*»; reza desta forma: «*mandamento de tauoadelo cum riulo de molinos colgeses piniario et auezani quomodo diuidet per suos terminos anticos ab integro et cum cumctis prestationibus suis ita sicut in testamento et in cartas et placitos et in scripturas conligatum est. et villa sic uocitata tauoladelo que ibi*

(1) «*Vim. Mon. Hist.*». Doc. XXXIII.

(2) Prof. João de Meira — «*Guimarães, 950-1580*», in «*Revista de Guimarães*». N.º 3 — Julho — 1921.

fecit ille comite domno Gundesaluo et ecclesia ibi sancto cipriano» (1).

As *Inquirições de D. Afonso II*, 1220, dizem: «I — **De parrochia Sancti Cipriani de Tavoadelo**». Era seu pároco Dominicus Johannis, nela não tendo o rei qualquer fôro (2).

Nas *Inquirições de D. Afonso III*, 1258, lê-se «**Ecclesie Sancti Cipriani**», sendo talvez seu pároco Martinus Petri. O nome da freguesia é assim escrito: *Tovoadelo* (3).

As *Inquirições gerais de D. Denis*, 1290, chamam-lhe «**Sam cibram de Tauoadello**» (4); as do julgado de Guimarães, 1308, apelidam-na desta forma: «**ffreguesia de sam cibrão...**» (5).

Nota o inolvidável Abade de Tãgilde, Oliveira Guimarães, que o padroado desta igreja passara ao pároco de S. Faustino de Vizela, a que estava anexo perpétuamente (6).

Por aqui se vê que a primeira referência à igreja de S. Cipriano data do século XI, ano 1045. ¿A actual construção será obra dêsse século, isto é, pertencerá ao românico primitivo? Em parte, assim o creio; e digo em parte, porque mais tarde ela sofreu importantes modificações, restando da primeira construção talvez, e unicamente, o altar-mor e as pias de água baptismal e benta.

Eleva-se êste pequeno monumento românico num cômorozinho verdejante e lindo, afogado entre casas de cabaneiros, residência abacial e mêdas de palha centeia. E' formada por duas partes rectangulares, corpo e altar-mor, angulando-se um pouco a parede Norte da primeira (fig. 2). A silharia é tãda de granito, quási regular, o aparelho apresenta as juntas

(1) «Vim. Mon. Hist.». Doc. XLV.

(2) Idem. Idem. Pág. 167.

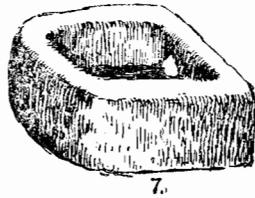
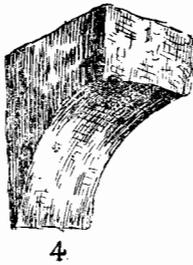
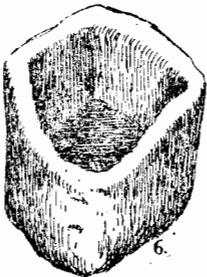
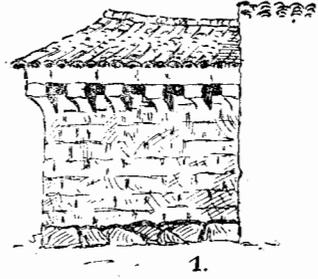
(3) Idem. Idem. Pág. 304.

(4) Idem. Idem. Pág. 361.

(5) Idem. Idem. Pág. 386.

(6) Idem. Idem. Pág. 304.

S. CIPRIANO DE TADGADELO



LUIS
DE
PINA. 918.

tomadas a cimento, com a *indispensável* risca branca de cal a destacá-las.

A fachada é muito simples (fig. 2), terminando em ângulo pelo campanário singelo, com um só nicho de sinos de arco redondo (aduelas). Encimando o campanário, uma cruz de braços curtos, de secção octogonal, românica. Como veremos depois em conjunto, as frontarias de quasi tôdas as pequenas igrejas românicas de Guimarães se assemelham, parecendo irmãos todos os campanários.

A porta principal é de arco redondo, composto de aduelas lisas que a restante silharia encaixilha. Como se vê, não poderia ser mais simples; a fachada não apresenta, além da porta, qualquer outra abertura. Nas paredes Norte e Sul rasga-se uma fresta quadrangular, obtida talvez à custa do alargamento das frestas primitivas. Naquela última parede abre-se uma porta que dá para o adro, de forma semelhante à de muitas outras de monumentos românicos, isto é, rematadas por duas impostas que sustentam um pilar do aparelho.

Os beirais do telhado são sustentados, nas paredes do corpo da igreja, não por modilhões, que desapareceram em qualquer infornada reforma, mas por lisas e simples cornijas. O altar-mor é pequeno e muito baixo, iluminado com a luz quebrada numa fresta da testeira; esta é rematada em ângulo, que não possui cruz terminal. Na parede norte, a cornija apoia-se em seis modilhões simples (fig. 1 e 4); na parede sul existe um apenas, desaparecendo os restantes para dar melhor encôsto à banal sacristia que fica dêsse lado.

O arco cruzeiro é de volta redonda, de pedra tôda picada; a pia baptismal (fig. 5) é cavada num bloco de granito semi-esférico, tendo a bôca uma forma quadrangular. As duas pias de água benta, uma perto do arco cruzeiro (fig. 6), à esquerda, outra junto da porta principal (fig. 7), fronteira à baptismal, são também de granito, e de forma quadrangular. Em tôdas elas, rudemente trabalhadas, nem um só gravado que lhes anime um pouco as rugosas superfícies.

Santa Eulália de Pentieiros

Diz o testamento de *fagilldus astrulfiz*, datado de 1058, VIº idus aprilis, entre os nomes de várias herdades doadas ao mosteiro de Guimarães: «*similiter et in tauolatelo hereditates quantis ibi...*» (1). Segundo o Abade de Tãgilde, Oliveira Guimarães, trata-se da freguesia de Santa Eulália de Pentieiros (2); mas como paróquia, só a tratam as *Inquirições de D. Afonso II*, 1220: «I — De parochia Sancte Eulalie de Tavoadelo» com o seu abade Petrus Suariz (3). A primeira designação de Pentieiros encontra-se no testamento de *Domnis Petrus Laurentii*, datado de 1228: «*et mando ei ipsam hereditatem, quae fuit Domni Suerii, et jaez in collationibus Sancti Petri de Poluoraria et Sanctae Eulalie de Petenariis...*» (4). As *Inquirições de D. Afonso III*, 1258, chamam-lhe «*Ecclesie Sancte Ovaye de Pectinariis*» (5) e as de *D. Denis*, 1290, «*freguesia de santa olalha de penteeiros*» (6). Nada mais pude colhêr para a crónica desta igreja.

Quem, ao vir do caminho de S. Cipriano de Taboadelo, que por ali corta a fêsto o encrespado monte, desemboca no pequeno largo onde se ergue a igreja de Santa Eulália, terá de procurá-la bem entre o arvoredado selvagem que a cerca e abafa; é de tristeza e mágua a impressão que se tem ao vê-la!

Extinta há pouco a freguesia, a igreja de alguns centos de anos para ali quedou no desprêzo a que se arruma *o que já não presta*, no seu arzinho de freira romântica, falando só com as suas ruínas, rezando com ela a ladaínha das ingratidões do homem os bichos das heras, as aranhas dos buracos

(1) «Vim. Mon. Hist.». Doc. XLIII.

(2) Idem. Idem. Pág. 45.

(3) Idem. Idem. Pág. 159.

(4) Idem. Idem. Doc. CCXIII.

(5) Idem. Idem. Pág. 280.

(6) Idem. Idem. Pág. 356.

e, cá fora, na moita que a rodeia, os melros e os rouxinóis!

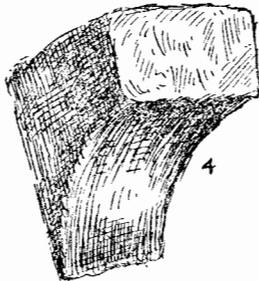
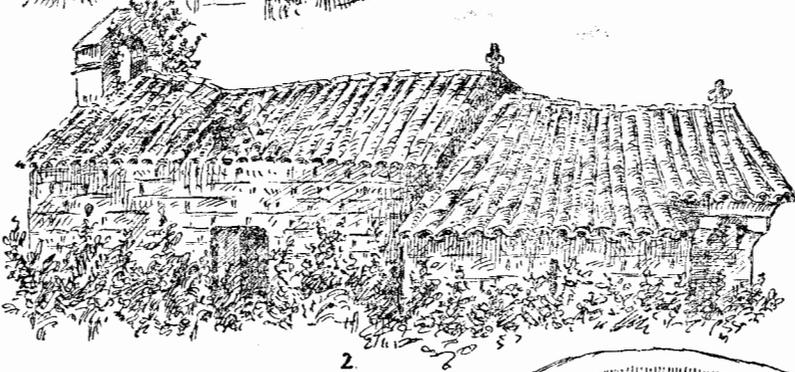
Faz pena, a triste carcaça! As telhas vão caíndo sob a pedrada do rapazio maldoso; a madeira é furtada aos poucos para a lareira dos pobres; as veneráveis paredes não têm mão amiga que lhes encoste um esteio ou lhes crave um "gato", para suster o escachar das gretas; chove lá dentro como nos campos, e nem sequer para arrumo de lenha já serve, como há pouco serviu; no chão, esquadraçam-se as tampas das sepulturas; a umbela do "Senhor fora" para ali está caída, pôdre e esburacada dos ratos, entre restos de castiçais de latão amolgado; e na sacristia nua, o missal foi cair aberto entre o tortulho do soalho, à espera que os socos dos cavadores o desfaçam impiedosamente.

Vali eu ainda a duas regulares pinturas em tábua, do altar da epístola, que arranquei para entregar à guarda da vizinha de frente que vai zelando tudo aquilo conforme pode.

E' esta igreja muito semelhante à de S. Cipriano. Como atrás se viu, a primeira citação que lhe fazem, data do século XIII, 1220. Julgo, no entanto, ter sido construída no século XII. As partes constituíntes são altar-mor e corpo, que não estão no mesmo alinhamento, fazendo entre suas paredes um ângulo correspondente ao arco cruzeiro.

A fachada é muito simples, meio coberta de festões de hera que lhe trepam até o campanário (fig. 1). Muito baixa, a igreja, chega-se-lhe quasi com a mão aos beirais do Sul; da mesma forma o altar-mor, que mede dois metros de altura, da banda do sul. Mas, tornemos à frontaria que está voltada a O., rasgada só por uma abertura: a porta principal; é de volta redonda, com aduelas facetadas no ângulo anterior, e da mesma forma os silhares das ombreiras. O campanário é de um só nicho, presentemente vazio; a corrente com que do adro se tangia o sino, deixou na pedra uma funda goteira, atestado indiscutível da ancianidade da pequenina igreja. A parede sul está muito arruinada, assentando o beiral numa cornija

5.^{ta} EULALIA de PENT. 06



LUIS
de
PIÑA
1888.

simples, como na parede norte, onde nem uma só fresta lhe quebra a monotonia.

Uma porta quadrangular, baixa, banalmente moderna, dá acesso ao corpo da igreja (fig. 2). O arco cruzeiro é rematado exteriormente por uma cruz de secção octogonal, análoga à de S. Cipriano de Taboadelo; nada de notável no altar-mor, exceptuando os modilhões lisos, análogos aos daquela sua irmã, três na face N. e dois na face Sul (fig. 4); os restantes desapareceram, por motivos vários, entre os quais a oposição de uma minúscula sacristia. Outra porta quadrangular se abre na parede N. do altar-mor sobre um eido de caseiros vizinhos.

Interiormente só nos importam as pias baptismal e de água benta, pois até o próprio arco-cruzeiro é banalíssimo, muito posterior ao primitivo. A pia baptismal (fig. 5) é semi-esférica e cavada em gamela, assente num pilar cónico; a outra é um cilindro enorme de granito, com um metro de altura, tendo no tampo superior uma escavação de pouca profundidade, o recipiente da água (fig. 3). Ambas grosseiramente trabalhadas, devem ser da primitiva construção da igreja. A testeira é rematada por uma cruz semelhante à descrita. São estas duas lembranças as únicas que a mão do povo boçal e aproveitadiço não rapinou ainda para pés de banco na horta ou pilares de cancela brasileira.

LUÍS DE PINA.